

A INVENÇÃO DA AMÉRICA: PROCESSOS INTERROMPIDOS NO NOVO MUNDO ESPANHOL¹

Fernanda Danielle Cavalcante Nogueira¹

RESUMO

A América foi ‘inventada’ pelos europeus e modelada de acordo com o padrão ‘civilizado’ que se desfrutava na Europa do século XV ao XX. O entrechoque, a imposição e as mestiçagens entre o invasor espanhol e os povos nativos modificaram profundamente as matrizes raciais, as formações sociais e as tradições culturais do continente. Desse contato abrupto, surge um novo povo, uma nova cultura. Compreender de que forma se processou a conquista e quais as suas conseqüências para o povo americano é, pois, o objetivo principal deste trabalho. Através da leitura de uma vasta produção bibliográfica, nos lançamos a uma análise sobre a realidade da América após a colonização; suas organizações sociais, econômicas e culturais e, suas possibilidades de futuro, influenciadas pela política agressiva do ‘civilizado’ europeu.

Palavras-chave: Conquista; Colonização; Mestiçagens.

A AMÉRICA E O SIGNIFICADO DA CONQUISTA

Sem dúvida, a América não estava à espera dos ‘civilizados’ europeus para ser “descoberta”. Este território nem mesmo se chamava América. Havia aqui, um povo vivendo à sua maneira; uma terra nem vista nem visitada; diversas culturas e, os elementos necessários aos interesses dos que vinham para mandar e dominar. Assim sendo, o processo de formação do povo americano é reflexo do choque da conquista efetivada pelo invasor espanhol sobre os povos nativos do continente – Astecas, Toltecas, Maias, Incas, etc. Povos estes, sujeitados ao autoritarismo e às exigências do homem europeu. A apropriação do trabalho indígena, a cobiça pelo ouro e riquezas do Novo Mundo e o interesse em criar uma sociedade semelhante à européia, constituíram algumas das ações dos ‘conquistadores’ nas terras ‘descobertas’. Essa confluência de

¹ Aluna do Curso de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

povos será, no entanto, útil para explicar o desenvolvimento desigual da América, numa perspectiva distinta da visão de covardes e heróis, de inferiores e superiores. Esta fala não trata de desconsiderar a existência de desigualdades na América antes mesmo da chegada dos europeus; trata antes de tudo, de reconhecer o peso das ações destes últimos no continente.

Sendo a História feita de interpretações, há um risco imenso de contarmos, legitimarmos, explicarmos e/ou entendermos os acontecimentos passados de acordo com a visão tradicional, empregue nos mais variados livros didáticos: a de que os povos nativos da América, em sua ingenuidade, foram dominados pelos destemidos europeus. Não há aqui, o intuito de se criar uma contra-história, muito menos de negar o que nos informa a História, mas sim de analisarmos criticamente o que nos é transmitido, permitindo-nos ter uma visão mais consciente acerca do que foi vivenciado pelos nossos antepassados. Assim sendo, torna-se necessário nos valermos do princípio antropológico da alteridade, ou seja, de percebermos o outro não como inferior e sim como diferente, não repetindo apenas, o testemunho histórico dos conquistadores. Não há, assim, como comparar povos de culturas diversas, muito menos de tempos e espaços variados. Os espanhóis não eram, portanto, superiores aos índios da América.

Um novo povo, mestiço, dinamizado por uma cultura composta de elementos hispano-indígena, evidenciando a ruptura iniciada com a conquista, surgirá ainda no século XVI. As mestiçagens efetivadas desde os primeiros contatos se processaram em meio a identidades perdidas, a mundos derrubados, como assinala Gruzinski². A índia americana despertava a lascívia do branco europeu, que saía da sua terra em busca de riquezas e glórias. Sendo em sua maioria homens, os colonizadores viam as índias como presas fáceis e muitas vezes chegaram a violentá-las. O resultado dessa fusão – o mestiço – tornou-se elemento característico das próprias sociedades americanas. Essa *zona estranha* de que fala Gruzinski³, não terá lugar na nova sociedade americana. Bruit⁴ por sua vez, assinala que a mestiçagem deveria aproximar os extremos. Ao invés disso, acabou por reforçar o ideal indígena na medida em que o mestiço absorveu bem mais a mentalidade dos nativos, seus costumes, crenças e práticas cotidianas.

A ‘descoberta’, a conquista, a colonização e todos os seus desdobramentos serão apresentados como resultado da ‘boa’ ação dos espanhóis, que cruzaram o Atlântico para ‘salvar’ os índios do Novo Mundo da antropofagia, do culto aos vários deuses, da

vida preguiçosa e boçal que levavam, assim como fizeram os portugueses no Brasil, seu paraíso de ganhos, ouro, glórias e prazeres. Na sede pelo ouro e pela prata, os conquistadores europeus tornaram-se capazes de tudo e mais um pouco: arrasaram cidades inteiras; dizimaram populações indígenas; influenciaram crenças, sonhos e valores;

[...] se lançaram à aventura do além-mar, abrindo novos mundos, atiçados pelo fervor mais fanático, pela violência mais desenfreada, em busca de riquezas a saquear ou de fazer produzir pela escravaria. Certos de que eram novos cruzados cumprindo uma missão salvacionista de colocar o mundo inteiro sob a regência católico-romana [...] ⁵.

E ainda, se viram assustados com as ofertas humanas aos deuses – o canibalismo praticado pelos nativos -, julgando-se civilizados em convívio com os bárbaros. Aos olhos dos europeus, nada poderia ser tão diabólico quanto os festins antropofágicos da América.

A sangrenta batalha que culminou com a morte de muitos povos americanos e fez do invasor o homem mais poderoso da América espanhola é, na verdade, o maior símbolo do encontro entre os dois continentes; dois mundos. Tínhamos culturas díspares revelando um povo que recebia em suas terras, aqueles que atravessaram o além-mar para conquistá-los.

Valendo-se sempre do ideal de superioridade, o europeu ingressou no mundo dos nativos, julgando-se no direito de modificá-lo tal qual fosse a sua própria vontade. Mesmo tendo chegado a número minúsculo, o grupo de conquistadores mostrou-se capaz de destruir o ‘outro’ das mais variadas formas. Longe de serem militares disciplinados e prontos para combater o inimigo, os invasores recém-chegados não estavam ali para lutar pelos interesses da Coroa, mas pelos seus próprios intentos de conseguir status e dinheiro. Era um verdadeiro *eldorado* de oportunidades para os homens ávidos por riquezas. Em todo caso, contaram com o apoio de alguns nativos, que nunca chegaram a formar uma unidade política imune às rivalidades. Na verdade, os conquistadores se aproveitaram dessas rivalidades constantes e incentivaram uma desunião cada vez maior entre os indígenas, acreditando que assim, eliminariam seus inimigos. Como um vírus super agressivo, foi infectando a população até levá-la à morte. As epidemias, resultado das pestes que o branco trazia no corpo, foram letais aos gentílicos; as disputas territoriais ocasionaram guerras e conseqüentemente, mortes; a escravização em massa do índio no trabalho nas *encomiendas* desarticulou as

organizações sociais das civilizações nativas e, a tentativa de homogeneização da língua, dos costumes e da cultura como um todo, contribuiu para formar uma nova etnia, construída sob os tijolos das duas matrizes. Para não falarmos ainda, do negro que chegara posteriormente, para mesclar ainda mais esta nova sociedade. Nas palavras de Bruit⁶, esta é.

“[...] a história visível da conquista; a história da derrota militar dos povos americanos, da derrubada dos grandes impérios indígenas, do massacre do índio. É também a história da pequena tropa dos conquistadores, a de Cortés, Pizarro, Valdivia, que enfrentaram toda classe de obstáculos – cordilheiras, planícies áridas, selvas, climas quentes, guerras. Foram os “heróis-civilizadores”, valentes, católicos, cruéis e delirantes”.

Afirma-se que a singularidade e a autonomia dos vários povos que aqui viviam, perderam-se no amálgama que se transformou a América de Colombo, de Pizarro, de Cortés; que poucos ou quase nenhum conseguiram preservar sua identidade étnica frente à desordem e ao caos que se instaurou com a instalação da sociedade colonial e que, neste novo espaço criado pelos espanhóis, a Igreja e seus membros atuaram na evangelização dos índios, buscando convencê-los da ‘superioridade’ dos brancos e de que era da vontade divina que os europeus os libertassem do demônio, das idolatrias, através da adoção do cristianismo e do trabalho significativo às convenções mercantilistas. Era a espada e a cruz marchando juntas na conquista do Novo Mundo.

No entanto, é preciso considerar que os europeus, notadamente os espanhóis, sofreram derrotas freqüentemente ignoradas nos relatos de viagem. Isto se explica pelo simples fato de que, à Coroa não bastava que o conquistador encontrasse uma terra e se dispusesse a explorá-la. Seria necessário provar e convencer o rei de que aquela terra era economicamente viável uma vez que, o ouro, a prata e a mão-de-obra estavam ali disponíveis em larga medida. Valem-nos da fala de Novais⁷ para definir o colonialismo do Novo Mundo:

[...] A colonização guardou em sua essência o sentido de empreendimento comercial donde proveio, a não-existência de produtos comercializáveis levou à sua produção, e disto resultou a ação colonizadora [...].

Para tanto, os conquistadores exaltavam a si mesmos e inventavam histórias que os beneficiavam diretamente, com a ajuda de cronistas, religiosos e biógrafos. Assim, tornam-se visíveis e já justificados, os exageros contidos nas chamadas, *probanzas de mérito* (provas de mérito).

Por outro lado, é preciso perceber que os índios nada tiveram de massa amorfa à disposição dos colonizadores e que não colaboraram por ingenuidade ou tolice, mas movidos por seus próprios interesses, ainda que sob pressão ou em notável desvantagem e que resistiram à exploração o quanto puderam, a começar pela ação militar indo até, à ruptura da comunicação verbal. Bruit⁸ dirá sobre a resistência indígena:

[...] mesmo derrotados, submetidos e explorados, os índios desenvolveram, ao mesmo tempo, práticas e comportamentos que tornaram o processo da conquista instável e o frustraram em seus objetivos, fazendo com que a nova sociedade mergulhasse numa crise permanente a partir de seus próprios fundamentos. A nova sociedade nascia desequilibrada, corroída em seus alicerces e por isso mesmo afogada numa crise do mesmo modo sub-reptícia [...].

Dirá também, que não é esta a história que nos interessa,

[...] mas uma outra, quase invisível, fragmentária, dissipada pelo tempo, esmigalhada em milhões de seres mortos que não deixaram suas próprias versões sobre o que aconteceu, embora os fatos da conquista deixassem em cada índio a impressão de um desastre atarrador⁹.

Contrariando a visão lascasiana¹⁰, os índios não se tornaram passivos. Ao contrário, mantiveram-se capazes de inutilizar os valores impostos pelos hispânicos; continuaram vivos e influentes culturalmente em grande parte das sociedades do continente. Simulando obediência e ingenuidade, os índios também mentiram para se defender da dominação espanhola. A tática de confundir os 'conquistadores' mostrava, na verdade, outra forma de resistir às atrocidades sofridas. Em lutas silenciosas e contínuas, algumas culturas sobreviveram às conquistas mantendo-se preservadas nas danças, músicas, comidas e lendas do continente como um todo. Sob o disfarce católico, a religiosidade politeísta de alguns, também foi mantida. Assim, percebemos que os nossos antepassados da América são muito mais que um grande povo do passado. Continuam no nosso presente.

Neste sentido, o mito de que os povos da América foram totalmente conquistados, logo nos primeiros anos do contato com os europeus, perde espaço ao passo que novos estudos revelam inúmeras cidades resistindo à dominação durante décadas. Além disso, a relativa autonomia que alguns nativos mantiveram em relação aos seus dominadores evidencia mais um aspecto que enfraquece a idéia de uma conquista efetiva. Ainda assim, a ação conflituosa dos conquistadores se fez sentir através do peso das armas e da sede gananciosa pelas riquezas da terra.

Os processos de um desenvolvimento oposto foram, portanto, interrompidos diante da tentativa de uniformização cultural imposta pelos recém-chegados. Foi em meio ao sincretismo hispano-indígena, que na América se inaugurou uma nova forma de organização social e econômica, baseada no escravismo e, posteriormente, numa situação de subserviência em relação ao mercado mundial.

O resultado do processo civilizatório, interrompendo a linha de desenvolvimento “natural” dos grupos indígenas contribuiu para integrá-los numa nova sociedade, já inserida numa etapa de desenvolvimento diferente. Figuram a subordinação sócio-econômica, a miséria, a violência e a corrupção como marcas de um passado que se mantém presente nas diversas questões que envolvem o povo americano. Nas palavras de Chauí¹¹,

[...] um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal [...].

E ainda, Singer¹² dirá que,

[...] depois que a América Latina se tornou independente, os donos das terras, das minas, do gado etc. tornaram-se, em cada país, a classe dominante, tendo ao seu lado uma elite de comerciantes e financistas que superintendia os canais que ligavam atividades agrícolas e/ou extrativas. A nova classe dominante via na dependência de seus países, dos países capitalistas adiantados [...] o elo que os ligava à civilização, da qual se acreditavam os únicos e autênticos representantes [...]. Assim, é justo apelidar a situação que se criou com a independência e que durou, em geral, até a Primeira Guerra Mundial de dependência consentida. Ela se caracterizava pela ausência de qualquer dinâmica interna capaz de impulsionar o desenvolvimento. [...] Sob forma do capital público ou privado, o desenvolvimento da infra-estrutura de serviços dependia diretamente do que cada região conseguia colocar no mercado mundial. Essa realidade era compreendida e aceita pelo conjunto da sociedade [...].

É válido mencionar que o uso de elementos tecnológicos mais avançados favoreceu uma dominação dos europeus sobre os povos que aqui viviam. No entanto, as armas, a primazia pelo lucro e a propagação da fé cristã, fizeram o índio perceber que aqueles povos chegados do mar, não eram gente do seu deus sol, mas sim, os responsáveis pela hecatombe que sobre suas terras se abateu. Numa tentativa frustrada de reação, usaram seus tacapes, arcos e flechas; fugiram para as montanhas; mataram seus próprios filhos para não legá-los à crueldade branca e outros, simplesmente “deitaram em suas redes e se deixaram morrer”¹³.

Em essência, foi sob a força e a imposição que se deu a conquista da América. Na tentativa de reproduzir no além-mar o seu próprio modo de viver, os europeus oprimiram tantos quantos puderam. Foram milhares de vidas ceifadas; comunidades destruídas; culturas arrebatadas; mundos destruídos. Aos povos testemunhos, oriundos das altas civilizações, restaram o drama de viver uma cultura dual e aos americanos, à condição de se inserirem numa sociedade tomada pelas desigualdades. Vivemos entre a europeização, o nativismo e a mestiçagem. A identidade do continente americano tornou-se, verdadeiramente, uma resposta sem conclusão.

Porém, em particular, nós os latino-americanos, permanecemos imersos na tentativa de construir uma identidade étnico-cultural; de lutarmos para construir uma História que se afaste da idéia de um “passado colonial”. Não obstante, sabemos que o presente da América só pode ser entendido a partir das históricas raízes de suas diversidades, opressões e contradições. Engajados na luta de nos construirmos enquanto povo, de criarmos tecnologia, de nos fazermos uma potência econômica, de nos auto-sustentarmos, sonhamos com o dia em que seremos orgulhosos de nós mesmos. O dia em que, abertos à convivência dos mais variados povos e culturas, nos lançaremos a um futuro mais alegre e lembraremos a hecatombe da conquista apenas como um acontecimento remoto. Neste dia, nossas veias estarão fechadas.

Notas

¹ Artigo apresentado à disciplina História da América II, do Curso de História da UERN.

² GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*/ tradução de Rosa Freire d' Aguiar – São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 64.

³ *Ibid*, p.73

⁴ BRUIT, Héctor Hernan. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. - Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 193.

⁵ RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 67.

⁶ BRUIT, Héctor Hernan. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. - Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 31.

⁷ NOVAIS *apud* CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 33.

⁸ BRUIT, Héctor Hernan. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. - Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 79.

⁹ *Ibid*, p.33.

¹⁰ Bartolomé de Las Casas, frei dominicano, em sua defesa pelos indígenas, os transforma em vítimas do processo da conquista, efetivado pelos espanhóis.

¹¹ CHAUI, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária/ Marilena Chauí – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 9.

¹² SINGER *apud* CHAUI, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária/ Marilena Chauí – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 34.

¹³ RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*/ Darcy Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 43.